

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO: PEDAGOGIA

Letícia Tischer Vieira

Cadernos, lápis, tela do computador: cultura material escolar e suportes de escrita em Diários de Estágio Docente do Curso de Pedagogia UFRGS (2007-2012)

Porto Alegre
2º SEM. DE 2012

Letícia Vieira

Cadernos, lápis, tela do computador: cultura material escolar e suportes de escrita em Diários de Estágio Docente do Curso de Pedagogia UFRGS (2007-2012)

Trabalho de conclusão apresentado a Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título licenciatura em pedagogia.

Orientadora: Maria Stephanou

Porto Alegre

2º SEM. DE 2012

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Uso da folha sem pauta.....	18
Figura 2 - Desenho acompanhado de escrita desenvolvido por aluno.....	19
Figura 3 - Exercício realizado por aluno (escrita com lápis grafite).....	29

AGRADECIMENTOS

Agradeço a orientadora Maria Stephanou pela atenção oferecida durante a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso e também pela oportunidade de aprendizagens como bolsista de Iniciação Científica.

Às professoras que marcaram a minha formação acadêmica no Curso de Pedagogia e que de alguma maneira contribuíram para a construção deste trabalho: Carla Meinerz, Dóris Almeida e Zita Possamai.

Às colegas que compartilharam esta caminhada de estudos e descobertas.

Aos meus pais e irmãos pelo apoio e incentivo.

RESUMO

A pesquisa aborda o tema da cultura material escolar e as práticas de escrita. Faz um levantamento de materiais e utensílios utilizados para escrita em sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental por professoras estagiárias no estágio curricular obrigatório do Curso de Pedagogia da UFRGS (2007-2012). Interessa-se também pelas concepções pedagógicas que sustentam essas práticas de escrita com intuito de perceber permanências e mudanças. Para tanto, são listados e analisados os suportes de escrita utilizados em salas de aula e registrados nos Diários de Estágio Docente. Os principais autores que serviram de inspiração são Roger Chartier (1998); Cucuzza e Pineau (2002), Anne-Marie Chartier (2007). Foram analisados dez diários de classe, com atenção aos exercícios e materiais de escrita oferecidos nas proposições de atividades das estagiárias em suas aulas. O olhar, assim, é no sentido de observar as materialidades envolvidas nas práticas de escrita descritas nos diários. Constatou-se diversas indicações explícitas de suportes e utensílios de escrita, em geral naturalizados na escola, tais como, quadro de giz, caderno escolar, lápis grafite. Mas percebeu-se, também, que foram contemplados novos suportes, tais como os painéis de papel pardo para as produções coletivas e, sobretudo, a escrita eletrônica, o uso dos suportes digitais. Evidencia-se, contudo, que as estratégias didáticas das professoras apresentam poucas mudanças nos últimos anos.

Palavras chave: práticas de escrita; cultura material escolar; suportes de escrita

SUMÁRIO

1 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES ...	06
2 A ESCOLHA DO TEMA	09
3 HISTORICIZANDO OS OBJETOS DE ESCRITA.....	12
4 DESENHANDO A PESQUISA	14
5 ACHADOS: QUESTÕES A OBSERVAR	19
6 SUPORTES: MATERIAIS DO ESCRITO.....	21
6.1 CADERNO E QUADRO DE GIZ	21
6.2 FOLHAS IMPRESSAS	24
6.3 ESCRITA ELETRÔNICA	24
7 REGULARIDADES QUANTO AOS INSTRUMENTOS DE ESCRITA	27
8 QUE PROPOSTAS FORAM SURGINDO: REGULARIDADES QUANTO AOS EXERCÍCIOS OU CONTEXTOS EM QUE ACONTECEM AS ESCRITAS	29
9 SOBRE OS ACHADOS: ALGUMAS CONCLUSÕES	
10 DANDO SEGUIMENTO	33
REFERÊNCIAS	34

1 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

A pesquisa que fundamenta este Trabalho de Conclusão de Curso aborda o tema da história da cultura material escolar e as práticas de escrita. Daí que ocupa o lugar fronteiriço apontado por Stephanou e Bastos (2005), que sugerem que na história da educação o pesquisador opera tanto com as questões advindas do conhecimento histórico quanto com o conhecimento sobre os processos educacionais. Para o estudo encontrei subsídios junto a teóricos da história da cultura escrita como também teóricos do campo da história da educação. Assim, de um lado realizo um levantamento de estudos que se reportam a cultura material produzida nas escolas. Por outro, faço apontamentos sobre as práticas pedagógicas implicadas nas escolhas por distintas materialidades¹ para os atos de escrita na escola, tais com os cadernos escolares ou o quadro de giz, por exemplo. Portanto, nesta pesquisa trato dos suportes que historicamente têm sido utilizados no ensino da leitura e da escrita, tal como o caderno escolar, estabelecendo algumas relações entre o que a historiografia tem produzido no âmbito da história da cultura escrita e a realidade encontrada nas escolas atualmente.

O interesse por essa pesquisa se construiu a partir dos estudos que realizei ao longo do Curso de Pedagogia, principalmente do interesse suscitado em diferentes disciplinas como História da Educação na Europa e nas Américas*, História da Educação no Brasil I** e Ciências Sócio-Históricas***, que adotavam bibliografias próximas àquelas com as quais tive envolvimento na iniciação científica. Aponto a participação em eventos da área², que oportunizaram um maior envolvimento com o que vem sendo produzido nesse campo do conhecimento. Autores como Roger Chartier, que contribui com reflexões acerca da cultura escrita,

¹ Os termos “suporte” e “materialidade” neste trabalho comparecem como sinônimos. Tais palavras designam os objetos utilizados para o exercício da escrita.

² Como decorrência da condição de bolsista de Iniciação científica, participei dos Encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, nos anos de 2011 e 2012, bem como apresentei trabalhos nos Salões de Iniciação Científica promovidos pela UFRGS também em 2011 e 2012.

* Disciplina de caráter obrigatório ofertada na primeira etapa do curso de Licenciatura em Pedagogia na UFRGS.

** Disciplina de caráter obrigatório ofertada na quinta etapa do curso de Licenciatura em Pedagogia na UFRGS.

*** Disciplina de caráter obrigatório ofertada na sexta etapa do curso de Licenciatura em Pedagogia na UFRGS.

Anne-Marie Chartier, Héctor Rubén Cucuzza e Pablo Pineau, Jean Hébrard, Ana Chrystina Venancio Mignot, Marcia de Paula Razzini e Justino Magalhães, pesquisadores que se dedicam a escrever e a refletir sobre a história da cultura escrita e também sobre a cultura escolar comparecem neste trabalho, auxiliando nas análises e contribuindo para a fundamentação do estudo.

Assinalo também as leituras que tive oportunidade de realizar como aluna ouvinte em disciplinas ofertadas no PPGEDU/UFRGS*, e também das demandas da iniciação científica³, através das quais pude me aproximar de autores que se reportam à história da escrita, da leitura e da alfabetização. É deste lugar que surge meu maior interesse e aproximação com a área.

O estudo inspira-se em diversas produções da área da história da educação voltadas para a pesquisa da cultura material escolar. Busca observar permanências e mudanças nas práticas de escrita na escola com o intuito de examinar os materiais que vêm sendo utilizados em sala de aula, e as concepções pedagógicas que os sustentam. Desejo, assim, desnaturalizar aqueles indícios que a história tradicional deixou de averiguar, interrogando que usos são feitos de objetos como o caderno escolar, o quadro de giz, as folhas pautadas e de ofício, as canetas esferográficas, o lápis grafite, a fim de compreender as práticas pedagógicas implicadas nesses usos.

Uma postura importante para este tipo de estudo é a de estranhamento. Significa não olhar para o objeto de análise com naturalidade, mas sim problematizá-lo em seu tempo e em suas relações. Um exemplo é o uso do caderno e do quadro de giz na escola. Por que estes artefatos surgem em nossas reminiscências das vivências escolares?

As perguntas de pesquisa foram sendo delimitadas a partir das leituras sobre o tema e das sessões de orientação. Para este estudo, utilizo materiais produzidos por alunas do Curso de Pedagogia da UFRGS, representadas pelas escritas realizadas por elas para o registro de suas práticas docentes no estágio curricular/obrigatório do sétimo semestre⁴.

³ Atuei como bolsista de iniciação científica no projeto que se intitula “Leituras e escrituras de foro privado: documentos de família dos séculos XIX e XX (Brasil e França).” Sob orientação da professora doutora Maria Stephanou, contando com o apoio do CNPQ, FAPERGS e CAPES. Minha inserção nesta pesquisa ocorreu em Abril de 2011.

* Disciplina realizada em 2012/2 - Seminário Avançado: Cultura escrita e história da educação: atelier de pesquisa. Professora Responsável: Maria Stephanou.

⁴ Como parte integrante das exigências das discentes.

O texto está organizado da seguinte maneira: início apresentando o que tem sido produzido no âmbito do estudo, abordando os principais teóricos que tem se dedicado a ele. Logo após, apresento como tratei metodologicamente o objeto desta pesquisa, como encontrei, recolhi e analisei os diários de estágio. Em seguida abordo os achados da pesquisa, tecendo reflexões sobre eles. Por fim, apresento conclusões possíveis e os questionamentos que emergiram, pois um estudo propícia, sobretudo, o levantamento de novos questionamentos e não somente a formulação de respostas.

Sinalizo que não há julgamento de valor quanto aos materiais e as práticas adotadas pelas professoras estagiárias. A intenção é observar como vem se caracterizando essas escolhas por diferentes materialidades no âmbito das práticas docentes nos anos iniciais do ensino fundamental.

2 A ESCOLHA DO TEMA

Aqui apresento as justificativas para a escolha deste tema de estudo, em especial as discussões que têm sido realizadas no campo da história da educação e da história da cultura escrita, a fim de delimitar o tema a ser tratado adiante.

Autores que se dedicam à história da educação, como Cucuzza e Pineau (2002) apontam que até a alguns anos atrás, produziu-se uma história da educação como a história dos ideais pedagógicos, das instituições, dos grandes vultos/pensadores da área e das legislações e políticas estatais de uma determinada época. Esta perspectiva assentava-se em uma visão de história da educação construída no século XIX, que se preocupava mais em descrever o ensino pensado e desejado por pensadores ou escrito em alguma lei ou parecer, do que aquele praticado nas instituições escolares. Esta história pode conter em si um distanciamento com a realidade existente nas escolas, pois se baseia em projetos para educação e não no que acontecia no cotidiano das escolas. Por conta disso, Anne-Marie Chartier (2007) propõe uma mudança do objeto de análise, voltando-se mais aos artefatos encontrados nas escolas na tentativa de encontrar vestígios para se ter uma visão mais aproximada das práticas educacionais realizadas em um tempo.

Segundo Magalhães (2010), a historiografia da escola vem renovando e alargando seus objetos de estudo. Neste campo, tem se valorizado as especificidades do meio escolar, tais como a cultura escolar, os materiais didáticos, o mobiliário, etc. Em seu livro, intitulado “Da cadeira ao banco: escola e modernização (séculos XVIII e XX).” Magalhães (2010) aponta que “A teoria da escola como objeto historiográfico estrutura-se em duas constelações factoriais: a da cultura escrita e a das práticas pedagógico-didáticas”. Este Trabalho de Conclusão de Curso articula estas duas perspectivas, pois ambas encontram-se em relação. Além disso, é importante ressaltar que a cultura escolar está inserida em uma cultura escrita mais ampla, que ultrapassa em muito a instituição escolar em diferentes momentos históricos.

Na busca por uma perspectiva diferenciada, Vidal (2009, p. 26) aponta o uso das materialidades produzidas no âmbito escolar como documento e destaca três elementos relevantes para os estudos em História da Educação que se pode

encontrar nesses materiais: a reflexão acerca da conservação e da inovação em educação, a atenção à cultura material como elemento constitutivo das práticas escolares e a valorização dos sujeitos escolares como agentes sociais. A autora ao tratar fotografias como indício sobre o cotidiano escolar em três diferentes décadas constata a conservação de práticas escolares ao longo do tempo. Dos comportamentos e modos de posicionar o corpo, aos suportes de escrita, percebe-se a permanência no que se considera “cultura escolar”:

[...] a primeira coisa que identificamos é a notável permanência dos elementos estruturantes da organização das salas de aula: a distribuição dos alunos em filas e voltados para a mesma direção; a existência de suportes da escrita, como folhas soltas, cadernos e quadros-negros; a utilização de objetos para escrever, como giz, lápis e canetas; a posição corporal dos estudantes, sentados em cadeiras e com os braços apoiados em mesas, e dos professores, em pé. (VIDAL, 2009, p. 28).

Contudo, nas mesmas imagens foi possível identificar as inovações no campo educacional, como a inserção de novos suportes, com a troca das folhas soltas por cadernos, por exemplo.

Ainda assim, pouco se têm problematizado as questões referentes às materialidades presentes nas práticas pedagógicas. A este propósito, Anne-Marie Chartier (2007, p. 45) afirma que “[...] quem reflete sobre as aprendizagens escolares não pode abstraí-las totalmente das condições ‘materiais’ de sua realização, em particular a dos suportes de escrita”. Nesse sentido, é necessário ressaltar que a história dos suportes materiais sobre os quais se escreve e de suas persistências ou mudanças na atualidade, através da apreciação dos seus usos nas salas de aula de estágios realizados entre 2007 e 2012 ou mesmo dos instrumentos utilizados para a escrita nessas experiências não é a história dos textos que se escreve. Da mesma maneira, os estudos sobre as práticas de escrita não podem ser confundido com os estudos sobre as práticas de leitura, pois são campos diferenciados, embora intimamente relacionados.

É possível indicar, através dos Diários de Estágio, as escolhas por determinadas materialidades, seus usos e práticas na escrita escolar, que em geral parecem naturais e assim passam despercebidos. Um exemplo desta questão é o ensino da leitura e da escrita. Nem sempre a leitura e a escrita foram ensinadas simultaneamente. Essa é uma prática recente. Antes, essas duas competências eram ensinadas em separado e um indivíduo poderia dominar apenas uma das habilidades, como aponta Hébrard:

[...] a ordem antiga da aprendizagem produziu competências que têm pouco a ver com o que se chama hoje de 'saber ler' ou 'saber escrever'. [...] aprendia-se a ler antes de aprender a escrever, depois a 'desenhar os números'. Apenas uma minoria de crianças perseverava além das classes de leitura. (HÉBRARD, 1999, p. 40)

Atualmente é pouco provável desassociar estas duas modalidades e difícil de imaginar como isso seria possível. Contudo, com esse exemplo podemos constatar que práticas hoje naturalizadas já existiram de outra maneira. O esforço aqui é pensar os suportes de escrita utilizados pelas professoras estagiárias e as práticas que se constituíram através deles, problematizando-os.

Este Trabalho de Conclusão de Curso assenta-se nesta perspectiva que defende o uso de artefatos utilizados em sala de aula para entender os processos de ensino da escrita de uma maneira mais aproximada com as realidades descritas nos Diários de Estágio que foram estudados.

3 HISTORICIZANDO OS OBJETOS DE ESCRITA

Para compreender o ensino da escrita, em especial os artefatos de escrita, tais como os cadernos escolares, as canetas, os lápis e agendas que se encontram em uso na escola atualmente, é necessário vislumbrar que a escola não trilhou isoladamente seus caminhos, mas esteve inserida em um contexto histórico e social. Assim, objetos e práticas que hoje temos como intimamente ligados à cultura escolar, muitas vezes tiveram sua criação, uso e disseminação longe dela. Objetos como cadernos de contas, *livres de raison* e as práticas epistolares, por exemplo, eram os espaços onde o exercício da escrita mais se desenvolvia, pouco dela acontecia no âmbito escolar.

A prática da escrita já estava popularizada antes da expansão da escola elementar no século XVIII. No contexto de alargamento da escolarização diversas relações já se davam no âmbito da escrita, tais como as transações no comércio, por exemplo, e muitos indivíduos já possuíam a habilidade de ler ou escrever. Foi no século XIX que a escola primária expandiu-se. Essa expansão implicou na criação de novas demandas para a indústria do papel, por exemplo:

Foi ao longo do século XIX que a escola primária conheceu uma expansão sem precedentes, criando grandes demandas para a indústria, que foi se especializando cada vez mais para enfrentá-las. [...] A ampliação do mercado do material escolar está, portanto, diretamente ligada à consolidação dos sistemas nacionais de educação pública em curso na Europa e na América. (RAZZINI, 2008 p. 92)

Este século ficou conhecido como o “século da instrução popular” (RAZZINI, 2008, p.92) e nesse contexto vários suportes foram sendo inseridos no cotidiano escolar, nas práticas pedagógicas efetivadas nas salas de aula. A ampliação do mercado de material escolar está ligada a este contexto e à consolidação dos sistemas de educação pública, fundada nos princípios do século XIX com “obrigatoriedade, gratuidade e liberdade religiosa” (RAZZINI, 2008 p. 92).

No Brasil, segundo Razzini (2008), foi durante os primeiros anos do século XX implantou-se gradualmente o uso do caderno escolar, e com ele a utilização de novos utensílios, como o lápis grafite e a pena metálica, que tiveram o aumento de sua produção, e com isso a diminuição de seus preços.

Ainda pouco se examina sobre a produção de materiais escolares no Brasil, ao menos sobre sua circulação e seus usos nas salas de aula. Intento com esta

pesquisa dar visibilidade a estas questões, buscando identificar, no âmbito do estágio curricular do Curso de Pedagogia da UFRGS, que materialidades têm sido utilizadas nas salas de aula e que práticas pedagógicas estão implicadas nestes usos e escolhas pelas professoras-estagiárias.

4 DESENHANDO A PESQUISA

Como aponte anteriormente, este estudo nasce de diferentes aproximações que tive com o tema da cultura escrita durante a graduação em Pedagogia. Nos encontros com minha orientadora pude expor minhas expectativas, que almejavam investigar os espaços, locais e materiais que têm ocupado a escrita na atualidade. Contudo, meu desejo não estava bem delimitado, e com ajuda, pude identificar campos férteis neste âmbito de pesquisa. Assim, minha ideia inicial foi sendo lapidada, e com indicações, elegi como foco de pesquisa identificar os suportes de escritas que têm sido utilizados no contexto escolar, durante o período de aquisição e aperfeiçoamento da escrita, ou seja, durante o período de alfabetização e pós-alfabetização.

Delimitado o tema, retomei leituras, identifiquei conceitos e a pesquisa foi sendo desenhada. Para explanar esse processo, desenvolvo mais detalhadamente, nesta seção, como se desenrolou a pesquisa e as opções realizadas.

Esta é uma pesquisa documental, realizada a partir da leitura de diários de registro de práticas docentes de estagiárias do curso de Pedagogia da UFRGS. Optou-se pela escolha de diários produzidos a partir do ano de 2007, ano em que ocorreu uma reforma curricular no curso. A hipótese é que as práticas pedagógicas das estagiárias poderiam estar pautadas por novos conceitos educacionais advindos desta reforma, agregando assim, novas materialidades para o ensino e prática da escrita nos anos iniciais da escolarização.

Aponto inicialmente a dificuldade que tive em encontrar ex-alunas dispostas a fazerem o empréstimo dos seus diários para a realização desta pesquisa. Um primeiro contato foi com as professoras que foram orientadoras de estágio a partir da data acima indicada. Encontrando-as, pedi a elas a indicação de alunas, suas orientandas, que pudessem ceder seus diários de classe para a pesquisa. Expliquei a elas que o único critério para indicação era que os estágios tivessem sido realizados durante o período de 2007- 2012. A partir das indicações das orientadoras, localizei as ex-alunas e contatei-as pessoalmente ou através de correio eletrônico. Dentre as oitenta alunas contatadas obtive a adesão de dez participantes que cederam seus diários de prática docente.

Acredito que algumas alunas que contatei possam ter se sentido desconfortáveis com a idéia de empréstimo dos diários de estágio, talvez por se tratarem de diários de escritas pessoais realizadas para o registro das práticas docentes na condição de estagiárias durante o período de prática de ensino, com a finalidade de serem avaliadas.

Pretendia que o conjunto de diários recolhidos servisse de amostra qualitativa acerca do trabalho junto aos anos iniciais do ensino fundamental. Buscava identificar os materiais utilizados, propostos pelas professoras em diferentes etapas dos anos iniciais⁵ do ensino fundamental. O corpus de análise caracterizou-se da seguinte maneira:

Tabela 1 – Diários de Classe de professoras estagiárias (2007-2012)

Estagiária*	Ano de realização do estágio	Ano/série Da docência	Escola – campo de estágio	Orientadora De estágio **
A	2008/2	2ª série	Estadual	2
B	2009/1	T1	Municipal	4
C	2009/1	3ª série	Estadual	2
D	2009/2	2º ano	Privada	3
E	2010/2	1º ano	Federal	3
F	2010/2	2º ano	Estadual	2
G	2011/1	3º ano	Municipal	3
H	2011/2	1º ano	Estadual	1
I	2011/2	T2	Estadual	4
J	2012/1	2º ano	Estadual	1

Fonte: dados coletados pelo autor

⁵ O período das práticas docentes abordadas por este trabalho, nas nomenclaturas oficiais, recolhe em si ambas terminologias, ou seja, “série” e “ano” escolar, por terem ocorrido em um período de transição, no qual

as escolas deveriam se adaptar a nova lei que adiciona um ano ao ensino fundamental (Lei 10.172/2001). Adoto o termo “anos iniciais”, por que em oito diários o termo utilizado pelas autoras foi “ano” e não “série”.

* Adoto letras para designar as estagiárias a fim de garantir o anonimato das participantes.

** Adoto números para designar as professoras orientadoras de estágio a fim de garantir o anonimato das participantes.

Todas as experiências de estágio registradas nos Diários foram realizadas no município de Porto Alegre. Não obtive um diário de uma ex-aluna que tivesse realizado seu estágio em um quarto ou quinto ano, apesar de ter contatado oitenta alunas.

Para o exame dos diários, realizei uma leitura minuciosa e em imersão, buscando identificar materiais utilizados pelas professoras-estagiárias durante o período relatado, em especial, referências às materialidades, artefatos ou objetos, utilizados em atividades e exercícios envolvendo a escrita seja nos planos de ensino, seja nos registros diários da prática docente. Além disso, procurei identificar práticas e concepções pedagógicas associadas aos usos destas materialidades de escrita. Assim, a intenção primeira foi conhecer os diferentes suportes que são utilizados/propostos pelas professoras-estagiárias, além de identificar as intervenções pedagógicas associadas a tais escolhas.

Primeiramente, fiz o levantamento dos suportes utilizados, listando-os detalhadamente, onde sobressaíram os cadernos escolares, o quadro de giz, as folhas de ofício, as folhas xerocadas, o livro didático, etc. Depois, identifiquei os usos destes suportes, ou seja, no âmbito de quais propostas eles eram apresentados aos alunos, como por exemplo, os tipos de atividades sugeridas no quadro de giz, ou nas folhas fotocopiadas ou como eram utilizadas as folhas de papel pardo.

Para a sistematização dos achados, foram construídas tabelas que cruzam os tipos de suportes utilizados pelas professoras-estagiárias e as atividades nos quais foram utilizados. Os dados foram gerados, num momento inicial, em tabelas independentes, de acordo com cada diário examinado. Logo pude perceber que desta maneira os dados não ofereciam a visibilidade que eu procurava observar, ou seja, as incidências quanto aos usos de diferentes suportes de escrita nas salas de aula das professoras estagiárias. Nessa tentativa, os dados se mostravam isoladamente e assim não conseguia perceber as regularidades quanto ao uso de cada materialidade e em que tipo de proposta ela se fazia presente. Diante desta limitação, busquei aprimorar a sistematização e apresentação dos dados que obtive da leitura dos diários. Assim, retomei as tabelas de cada diário e reorganizei os resultados no Excel⁶. Dessa maneira, pude visualizar as incidências de que tipos de

⁶ Excel – Pacote Office Windows 2007

suportes foram adotados e que usos foram feitos deles, podendo acessá-las em uma única tabela, portanto, podendo compará-las. Criei então a seguinte tabela:

Tabela 2 - Suportes escolhidos pelas professoras estagiárias e tipo de atividades pedagógicas realizadas

Atividade Suporte	Escritas	Textos	Atividades	Sistematizações	Cartaz	Cópia	Explosão de ideias	Alfabeto	Ditados
Quadro de giz	H		EDHIAC	EDBGHC		EDHA	J		
Caderno	HG		BFAIC	HIFAC		EDBGIFAJJ			A
Fotocópias		EDBGHF AC	EDBGIFAJC						J
Folhas de ofício	EDBHFJC								H
Folhas A3	HGC			FA			C		
Folhas Color set	DH								
Folhas ofício coloridas	BAC								
Folhas com pauta para caligrafia	D		D						
Folha Pautada	F								F
Folhas como fichas	J								H
Folhas em formatos diversos	C								
Folha quadriculada	C								
Papel cartaz					HG				
Papelão	D								
Cartolina	G			I					
Papel pardo				HC	DBGFC		HA		
E.V.A								B	J
Microsoft Word	HDG								
Powerpoint				BG					
Internet		DG							

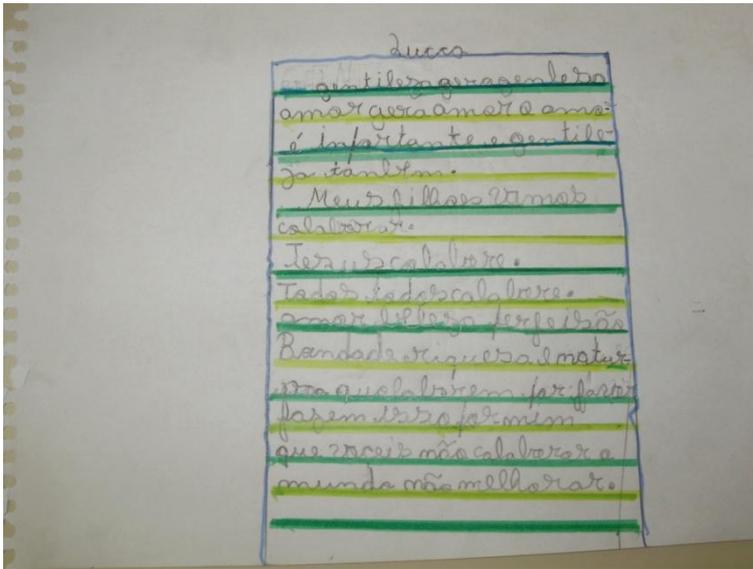
Fonte: dados coletados pelo autor

Na tabela apresentada agrupei suportes semelhantes a fim de visibilizar a diversidade de materialidades adotadas durante o estágio-curricular. Desta maneira, dividi os achados em sete grupos, que dispus na tabela de acordo com a incidência com a qual apareciam descritos nos Diários. Esta divisão se caracterizou assim: caderno, quadro de giz, fotocópias, folhas avulsas, papel de grandes dimensões, E.V.A. e programas para escrita e leitura eletrônicas.

Na leitura dos diários e durante a construção da tabela, pude perceber que se sobressaiu o uso do quadro de giz e do caderno escolar. Depois deles, são as folhas fotocopiadas as mais utilizadas pelas professoras para disponibilizar exercícios.

Nota-se que, em geral, as escritas em folhas de ofício reproduzem as pautas de um caderno abaixo (figura 1):

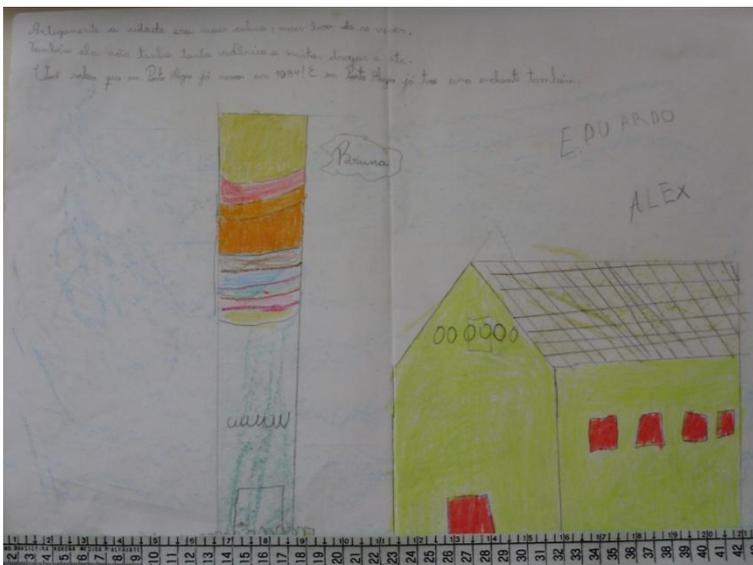
Figura 1- Uso da folha sem pauta.



Fonte: dados coletados pelo autor

As folhas sem pauta normalmente não são utilizadas para escrita. Estas aparecem apenas junto de desenhos (figura 2).

Figura 2 – Desenho acompanhado de escrita desenvolvido por aluno.



Fonte: dados coletados pelo autor

5 ACHADOS: QUESTÕES A OBSERVAR

Como já foi citado, adotei como recorte temporal de seleção dos diários aqueles que abrangessem o período 2007-2012, período posterior à reformulação curricular do curso de Pedagogia da UFRGS⁷. Antes desta reforma, este curso de graduação dividia-se em três currículos, voltados à formação de professores para a educação infantil, para os anos iniciais do ensino fundamental e para as escolas de nível médio, formando professores para atuarem nas escolas normais. O aluno ingressante deveria optar uma destas áreas para caracterizar a especialidade de sua formação acadêmica. Neste ínterim, as disciplinas voltadas à reflexão da língua escrita que eram ofertadas estavam distribuídas nas quatro primeiras etapas de um curso de oito semestres. As disciplinas eram:

- Primeira etapa – Língua portuguesa A (ofertada pelo departamento de letras)
- Segunda etapa – Educação e evolução da linguagem na criança
- Terceira etapa – Psicogênese da leitura e da escrita
- Quarta etapa – Iniciação à escrita e à leitura

Com a leitura das súmulas destas disciplinas, pude perceber que são bastante voltadas às reflexões sobre o desenvolvimento da leitura e à formação de leitores.

Com a reformulação curricular de 2007 estas foram retiradas e/ou reelaboradas. Em seu lugar foram inseridas disciplinas chamadas de “Linguagem”. Este novo currículo, voltado à reflexão da linguagem, baseou-se nos estudos do letramento, com enfoque prático investigativo, segundo a caracterização oferecida pela própria Faculdade de Educação em seu projeto pedagógico. As disciplinas ofertadas a partir deste momento são:

- Segunda etapa - Linguagem e Educação I
- Quarta etapa - Linguagem e Educação II
- Quinta etapa - Linguagem e Educação III

Em decorrência destas mudanças foram retiradas disciplinas com caráter de fundamentos para a entrada de disciplinas que tem como concepção um conceito

⁷ A reforma curricular baseou-se na exigência legal de reformulação dos currículos das licenciaturas e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia – resolução CNE/CP nº. 1, de 15 de maio de 2006.

mais amplo de alfabetização. Neste novo currículo, as súmulas das disciplinas apresentam referência a reflexão sobre a leitura, mas também sobre a escrita e sobre a produção de textos.

É possível, portanto, identificar uma preocupação em inserir no curso de Pedagogia da UFRGS momentos de reflexão sobre o desenvolvimento da escrita. Esta mudança contribui para a construção da hipótese de que haveria no estágio curricular obrigatório uma ampliação da diversidade dos suportes para a escrita. Neste trabalho tento averiguar que materialidades foram então adotadas para o ensino da escrita.

6 SUPORTES: MATERIAIS DO ESCRITO

Nesta seção descrevo e analiso os suportes e utensílios que identifiquei descritos ou brevemente mencionados nos diários de professoras estagiárias.

Diante do levantamento realizado pode-se observar a incidência de diferentes materialidades, algumas já bastante inscritas no imaginário comum sobre o que é utilizado como recurso escolar atualmente, e outras um tanto surpreendentes. Nesta seção abordo diretamente os suportes de escrita que identifiquei através da leitura dos diários das professoras estagiárias.

Pude perceber que há regularidades quanto às materialidades em que são realizadas as escritas. Foram identificadas as seguintes materialidades no conjunto de dez diários analisados: cadernos, quadro de giz, folhas fotocopiadas, folhas de ofício brancas e coloridas, folhas pautadas, folhas Collor set, folhas recortadas em formatos diversos e folhas quadriculadas, folhas A4, cadernos e folhas avulsas para o exercício da caligrafia, papelão, papel pardo, papel cartaz, E.V.A. Além disso, identifiquei o uso do computador e os seguintes programas: o pacote Office, como o Microsoft Word e PowerPoint e o uso da internet.

Percebi que, apesar de aparentemente terem aparecido vinte diferentes tipos de suporte para a escrita, o uso feito deles nas propostas pedagógicas eram muito aproximadas. Como já mencionei, foi possível categorizar essas vinte materialidades em apenas sete grupos de acordo com o uso e/ou proposta. Além disso, as professoras que propunham suportes diferenciados, como papéis de grandes dimensões eram, em geral, as que propunham usos diversificados para materialidades já inscritas nas práticas pedagógicas.

Sobre suportes encontrados e seus usos, desenvolvo mais detalhadamente nas sessões a seguir.

6.1 CADERNO E QUADRO DE GIZ

Dois suportes têm seu uso destacado no conjunto dos diários. São eles o caderno e o quadro de giz. Ambos são utilizados diariamente pelos alunos, em diferentes propostas. Podemos perceber, através do registro das datas, uma prática diária de escrita no caderno, mostrando assim o quão significativo é o exercício da

escrita nele para o trabalho pedagógico, em diferentes contextos. Hébrard (2001) aponta que o caderno

é um instrumento comum do aluno de colégio desde o século XVI. No *Ratio studiorum*, é freqüentemente designado pela expressão “livro branco” e seu uso é proposto em alternância com o do texto impresso com grandes espaços permitindo ao aluno anotar acima da linha a explicação, dada pelo regente da aula, sobre o texto clássico, grego ou latino, trabalhado. [...] Em contrapartida, o caderno torna-se ausente, na maior parte das vezes, das pequenas escolas até o século XIX (Chassagne, 1989). Quando a classe tem alguns “escritores”, mais freqüentemente é sobre folhas de papel empilhadas e não-costuradas que realizam os exercícios de escrita. (HÉBRARD, 2001, p. 118)

Hébrard (2001) assinala que é na segunda metade do século XIX que, definitivamente, o uso do caderno prolifera e se consolida no ensino da escola primária no mundo ocidental, tanto no meio urbano como no rural. O uso deste passa a constituir e se mantém até hoje como uma parte essencial do tempo escolar.

No Brasil, este artefato vê seu uso crescer gradualmente nos primeiros anos do século XX, em um contexto de grande produção e diminuição de preços. (RAZZINI, 2008)

Sobre este artefato, ainda é possível afirmar que sua estrutura particular, pautada, influencia nas apropriações que são feitas dele:

Tratando-se de cadernos escolares, é possível também deslocar o olhar dos conteúdos escolares manuscritos para o seu suporte, levando em consideração não apenas os conteúdos inscritos, mas também sua materialidade editorial. Os suportes de escrita definem atitudes, tanto na recepção quanto na produção, impõem limites, restringem ou alargam os usos possíveis que, no caso dos escritos escolares, concernem tanto ao trabalho dos alunos, quanto ao dos professores. (ANNE-MARIE CHARTIER, 2007, p.46)

Seu formato define o tipo de trabalho que é realizado e o tipo de escrita que é bem vinda ali. Este artefato é linear, cronológico. O seu tempo é demarcado pela impressão de espaços destinada ao registro das datas, por exemplo. Além disso, é receptivo a um tipo de letra, aquela mais contida, que cabe em seus limites. Como aponta Viñao (2009, p.15) “nos cadernos, sucessivas gerações, ou ao menos uma parte delas, assimilaram e aprenderam as pautas reguladoras do uso da escrita e, em definitivo, o espaço gráfico”

Nos cadernos podemos encontrar indícios sobre o cotidiano escolar, sobre as ações dos professores, dos alunos, sobre o que é permitido ou não em um determinado tempo. Um olhar atento permite enxergar que tipo de utensílios de escrita são utilizados, por exemplo.

[...] a história dos conteúdos escolares, a do currículo e as culturas escolares se vêem modificadas quando se presta atenção às condições materiais de sua realização, aos suportes e utensílios com que se produzem e transmitem. Sobretudo no tocante às produções manuscritas dos alunos, nas quais, como ocorre com os cadernos escolares, existe uma ampla diversidade de formas e modos de produção e uso. (VIÑAO, 2009, p.17).

Por conta disso, muitos historiadores da educação ou estudiosos do currículo têm se voltado a ele para encontrar o acontecido em salas de aula de diferentes tempos. Objeto rico para análises, “os cadernos escolares são, ao mesmo tempo, uma produção infantil, um espaço gráfico e um produto da cultura escolar”. (VIÑAO, 2009, p.15).

Hoje, seu uso é praticamente indiscutível. Nos diários podemos encontrar atividades baseadas na cópia de exercícios, escritas com autoria, cópia de sistematizações dos conteúdos da aula e ditados realizados individualmente ou em grupo.

Outro suporte que aparece diariamente é o quadro de giz, dando base às atividades realizadas no caderno. O quadro de giz é uma superfície que possibilita uma escrita com visibilidade coletiva, que pode ser apagada, o que permite a generalização do ensino, de maneira simultânea, característica essa que define o ensino moderno e permanece na atualidade.

O espaço do quadro de giz é, ainda, prioritariamente, um espaço de escrita da professora. Segundo os diários, apenas no caso dos ditados os alunos tiveram acesso a ele. Percebe-se nestes dois casos que há pouca mudança nas abordagens baseadas nestes dois objetos que se constituíram historicamente como os mais importantes nas relações de ensino e aprendizagem da escrita na escola primária: o caderno e o quadro de giz.

O que marca a presença destes dois artefatos é a regularidade de seus usos. Ambos são utilizados de maneira sistemática há mais de um século. As abordagens recorrentes deles seguem a mesma constância, na qual as professoras escrevem no quadro e os alunos copiam em seus cadernos. A cópia, de textos ou de exercícios, e os ditados são práticas inscritas em uma longa duração. Ao consultar a bibliografia

que trata destes dois artefatos, foi possível constatar que há muito tem se feito uso deles para o ensino da escrita. Nos diários consultados, encontrei o uso diário e sistemático desses objetos, o que deflagra a consolidação de ambos na história do ensino da escrita.

6.2 FOLHAS IMPRESSAS

Bastante utilizadas também são as folhas impressas e/ou fotocopiadas. Na modernidade a tipografia desenvolveu-se como meio fundamental para a informação e a leitura (ROGER CHARTIER, 1999) e esta característica ainda é bastante notada nas escolas, como mostram os dados obtidos nesta pesquisa, onde as práticas de leitura baseiam-se no livro e nas folhas impressas. Dentre os dez diários analisados, nove professoras estagiárias utilizaram a folha impressa como meio de disponibilizar um texto e todas as dez utilizaram este mesmo suporte como meio de reprodução de exercícios.

Chama bastante atenção o uso de folhas de papel pardo como suporte para as escritas. Sete professoras estagiárias usavam continuamente este suporte para atividades como escrita de cartazes, sistematizações do conteúdo de um dia, registros de idéias. Aparentemente, este é um material muito barato, ofertado em grande quantidade nas escolas públicas. Além disso, por ter grandes dimensões, é propício às escritas coletivas, interativas almejadas pelas teorias pedagógicas contemporâneas entre os alunos.

6.3 ESCRITA ELETRÔNICA

Tema bastante abordado em pesquisas sobre a cultura escrita, a escrita eletrônica, no computador, também compareceu nas propostas. Por vezes por meio da pesquisa junto à internet ou de programas para escrita eletrônica, tais como o Word⁸, as novas relações e características para a escrita com o uso de novas mídias vêm modificando os usos sociais da leitura e da escrita. Roger Chartier (2002) expõe que “A revolução do texto eletrônico é, de fato, ao mesmo tempo, uma revolução da

⁸ Pacote Office – Microsoft Word

técnica e produção de textos, uma revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leitura [e de escrita]”. (Roger Chartier, 2002, p.113).

A escrita com um novo suporte, o eletrônico, como a tela do computador, faz com que mude a relação entre aquele que escreve, surgindo outra relação corpórea na escrita. Assim “o texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal” Roger Chartier (1997, p.16). Muda também a letra. Diferente daquela escrita intimamente ligada à corporeidade do escrevente, no texto eletrônico a letra é a do computador. Muda a postura, o indivíduo que se obriga a colocar-se de frente para a tela e seu teclado.

É, assim, todo o sistema de percepção do manejo dos textos que é transformado. Enfim, ao ler [escrever] na tela, o leitor [escrevente] contemporâneo reencontra algo da postura do leitor da Antiguidade, mas – e a diferença não é pequena – ele lê um rolo que em geral se desenrola verticalmente e que é dotado de todos os pontos de referência próprios da forma do livro, desde os primeiros séculos da era cristã: paginação, índice, tabelas, etc. O cruzamento das duas lógicas que regulamentaram os usos dos suportes precedentes do escrito (o *volumen*, depois o *códex*) define de fato uma relação com o texto totalmente original. (ROGER CHARTIER, 2002, p.114).

Nas citações anteriores, Roger Chartier (1997 e 2002) refere-se as relações existentes entre a leitura e o suporte eletrônico. Contudo, achei-as pertinentes ao também ao tema da escrita.

Ainda assim, fica claro que esta tecnologia não está sendo utilizada de maneira abrangente. Dos dez diários, apenas três professoras propuseram o uso deste suporte para que seus alunos escrevessem, e em outro momento, para apresentarem algum conteúdo. A este respeito, Roger Chartier nos indica que, “de um lado, a longa história da leitura mostra com firmeza que as mutações na ordem das práticas são geralmente mais lentas do que as revoluções das técnicas e sempre em defasagem em relação a elas”. (Roger Chartier, 2002, p.112).

Há, portanto, nas escolas analisadas, um distanciamento frente a este novo suporte. Isso pode acontecer, pois, ainda hoje o custo das máquinas necessárias, e o acesso a internet são bastante caros, e no caso das práticas analisadas, as que utilizaram esta ferramenta foram a escola privada, a federal e uma municipal. Em nenhuma das escolas estaduais as estagiárias referem a utilização da escrita eletrônica. Desta maneira, como aponta Roger Chartier,

são ainda grandes as defasagens entre a obsidiante presença da revolução eletrônica nos discursos (...) e a realidade das práticas de leituras [e escrita] que permanecem maciçamente ligadas aos objetos impressos e exploram muito parcialmente as possibilidades oferecidas pelo digital. (ROGER CHARTIER, 2002, p.113)

7 REGULARIDADES QUANTO AOS INSTRUMENTOS DE ESCRITA

Não é uma preocupação das autoras dos diários explicitarem em seus registros ou em seus planos de aula quais utensílios de escrita propuseram que seus alunos utilizassem para escrever.

Ainda assim, uma leitura atenta dos relatos tornou possível percebê-los em pequenas citações. Aparecem os seguintes utensílios: lápis, lápis de cor, canetas hidrocor, borracha. Vidal aponta que

a presença reiterada de lápis e caneta, de papel e caderno indicia a íntima e estreita relação entre o universo da escrita e a invenção da escola moderna. De fato, os objetos e produtos do escrever ocupam um lugar significativo no conjunto das práticas escolares e administrativas da escola. (VIDAL, 2009, p. 31).

Não há com pensar a escrita sem pensar onde ela é realizada e com que utensílios ela é feita. Por isso se faz tão importante identificar estes objetos. Além disso, a escolha por determinados artefatos podem indicar a concepção pedagógica adotada pela professora, ou mesmo oferecer indícios para pensar posturas e comportamentos em sala de aula:

A mudança na postura corporal dos alunos suscita interrogar sobre as decorrências, nas práticas escolares, da introdução de diferentes suportes da escrita, como cadernos, e da facilitação do escrever propiciada, por exemplo, pelo ingresso de novos instrumentos como a caneta esferográfica; como também implica em questionar sobre a difusão e apropriação de distintas concepções pedagógicas. (VIDAL, 2009, p. 30).

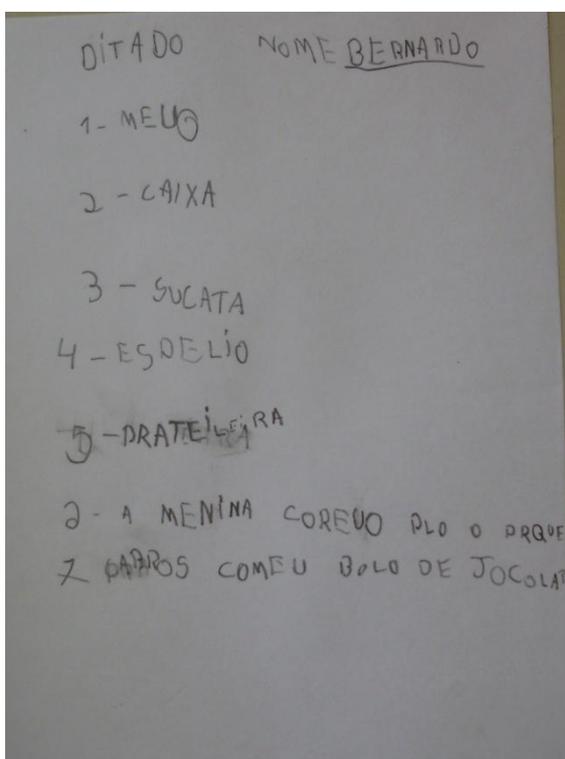
A experiência de escrita vivida por uma criança que porta uma caneta tinteiro é bastante distante daquela que utiliza uma caneta esferográfica, por exemplo. A primeira precisa estar ereta em sua carteira escolar, para que a caneta permaneça na posição correta para não haver vazamentos, enquanto a segunda pode se sentar mais livremente, pois a caneta permite isso.

O utensílio de escrita mais citado nos diários certamente é o lápis de grafite. Este utensílio teve sua generalização no século XIX, nos EUA e na Europa (RAZINNI, 2009). O uso deste artefato, junto ao caderno, reflete em mudanças nas práticas pedagógicas. Estas passam a se assentar mais nos exercícios escritos e menos nos orais. Começa, nesse contexto, a maior incidência de exercícios escritos na escola primária.

Não é citado o uso de canetas esferográficas em nenhum dos diários. Estas chegam ao Brasil na década de 60, substituindo as canetas de madeira e pena de metal. Por serem mais baratas, foram sendo incorporadas ao material escolar. A impressão que fica é a seguinte: As canetas teriam seu uso interdito nos anos iniciais da escolarização. Nem mesmo os alunos da EJA utilizaram canetas em suas escritas, segundo os relatos nos diários. Como assevera Vidal (2009, p. 31), “tomados em sua materialidade, os objetos da escrita permitem não apenas a percepção dos conteúdos ensinados, mas o entendimento do conjunto de fazeres ativados no interior da escola”.

Sobre os utensílios de escrita é possível afirmar que nos diários analisados existem poucas indicações sobre as escolhas feitas pelas professoras estagiárias. A mais clara é pelo lápis grafite. Analisando as produções escritas dos alunos anexadas aos diários, encontrei os lápis coloridos e as canetas hidrocores. Contudo, estes aparecem principalmente nos desenhos e não nas escritas. A escrita durante o período de alfabetização e de pós-alfabetização é realizada majoritariamente com lápis grafite (figura 3).

Figura 3 - Exercício realizado por aluno (escrita com lápis grafite).



Fonte: dados coletados pelo autor

8 QUE PROPOSTAS FORAM SURGINDO: REGULARIDADES QUANTO AOS EXERCÍCIOS OU CONTEXTOS EM QUE ACONTECEM AS ESCRITAS

Nesta seção abordo os tipos de práticas pedagógicas associadas aos usos dos suportes identificados nos Diários de Estágio.

Todas as aulas planejadas pelas estagiárias eram antecidas pela leitura de uma obra literária. A leitura ocupa a função de disparadora de idéias para a escrita, pois ela embasa exercícios pedagógicos como a resolução de questionários, fichas de leitura, reescrita das histórias contadas. Assim, os exercícios de escrita estão em consonância com a leitura do livro nos diários analisados. Segundo Chartier (2002), foi

no século IV da era cristã, [que] uma nova forma de livro impôs-se definitivamente, em detrimento daquela que era familiar aos leitores gregos e romanos. O códex, isto é, um livro composto de folhas dobradas, reunidas e encadernadas, suplantou progressiva, mas inelutavelmente os rolos que até então haviam carregado a cultura escrita. Com a nova materialidade do livro, gestos impossíveis tornavam-se comuns: assim, escrever enquanto se lê, folhear uma obra, encontrar um dado trecho. (ROGER CHARTIER, 2002, p.106)

Creio que a utilização de obras literárias possa estar relacionada à popularização e ao barateamento do livro. Este processo inicia na com a imprensa e o barateamento do papel, quando a circulação dos escritos atingiu uma escala inédita. Hoje experimentamos uma experiência aproximada àquela vivida pelo homem moderno, no sentido que atualmente existem obras no mercado com diferentes qualidades e preços, grandes tiragens de obras literárias, incentivos financeiros, público e privado para compra de livros para as escolas, enfim, uma preocupação generalizada voltada à formação de leitores e o aquecimento deste mercado.

De acordo com os relatos e planos de aula nos diários, pude perceber que a leitura de livros literários acontecia envolvendo a oralidade e a leitura. As leituras eram realizadas pelas professoras, enquanto os alunos as escutavam e as enxergavam realizar a leitura do livro, ou mesmo através da “contação de histórias” literárias. Destas leituras emergiram muitas atividades voltadas para a discussão dos conteúdos e, em decorrência destas conversações, a transcrição sobre a leitura que foi ouvida, no que foi chamado de “explosão de ideias”. Penso que este é um indício

para supor o desenvolvimento de práticas pautadas nas teorias do letramento. Dos dez diários analisados quatro utilizaram cotidianamente a atividade explosão de ideias para pautar aulas baseadas em obras literárias.

Outra atividade habitual, que foi relatada nos dez diários é a cópia. Este costume torna-se visível quando a alfabetização se torna um processo de aprendizagem não apenas da leitura, mas também como um momento de apreensão da escrita. Neste contexto, a cópia torna-se o centro das práticas pedagógicas.

É proposto pelas professoras-estagiárias de maneira regular o que comumente é chamado de “atividades”. Esta prática se constitui em apresentar aos alunos exercícios pedagógicos sobre determinados temas abordados pela professora em sala de aula. Em geral são resolução de exercícios referentes a diferentes áreas do conhecimento, como Português e Matemática, respostas a questionários, resolução de problemas etc. Estes têm como principais suportes o caderno e as folhas impressas. Tal tipo de proposta e o uso do suporte caderno têm início em um mesmo momento, pois o “exercício” passa a ser o centro do trabalho pedagógico na alfabetização junto com o uso do caderno.

Desta maneira, percebi, nos diários analisados, que há regularidade no que diz respeito ao contexto em que acontece a escrita na escola. Em todos os casos a escrita foi disparada pela leitura. Além disso, encontrei regularidades também nos tipos de atividades pedagógicas que foram realizadas utilizando à escrita. Esta se desenvolve ao longo da resolução de exercícios, na escrita de cartazes ou textos nos cadernos. Muito da escrita realizada pelos alunos é cópia da escrita da professora, que é feita no quadro de giz.

9 SOBRE OS ACHADOS: ALGUMAS CONCLUSÕES

Neste Trabalho de Conclusão de Curso pretendia observar permanências e mudanças nas práticas de escrita na escola, com o intuito de examinar os materiais que vêm sendo utilizados em sala de aula e as concepções pedagógicas que os sustentam atualmente.

Nesta perspectiva foi possível identificar nos objetos de análise que foram os Diários de Estágio, as escolhas por determinadas materialidades, seus usos e práticas na escrita escolar, que em geral parecem naturais e assim passam despercebidos.

Durante a revisão bibliográfica pude perceber que pouco se examina sobre a produção de materiais escolares no Brasil, ao menos sobre sua circulação e seus usos nas salas de aula. Neste Trabalho de Conclusão de Curso visei dar visibilidade a estas questões.

Assim, durante a pesquisa e na leitura dos diários, pude perceber uma preocupação em inserir no curso de Pedagogia da UFRGS momentos de reflexão sobre o desenvolvimento da escrita. Esta mudança contribuiu para a construção da hipótese de que haveria no estágio curricular obrigatório uma ampliação da diversidade dos suportes para a escrita. Contudo o que se sobressaiu foi o uso do quadro de giz e do caderno escolar. Depois deles, são as folhas fotocopiadas as mais utilizadas pelas professoras para disponibilizar exercícios.

Foi possível constatar, portanto, que o que marca o ensino da escrita caracterizado pelos diários de Estágio é a regularidade por escolha de determinados suporte e artefatos de escrita. As abordagens recorrentes deles também seguem a mesma constância. A cópia, de textos ou de exercícios são ainda muito utilizadas como propostas pedagógicas.

Apareceu nos diários o uso do suporte eletrônico para a escrita. Mas, percebi que há um distanciamento frente a este novo suporte. Nenhuma das escolas estaduais estudadas utilizou esta ferramenta.

Foi possível ainda identificar, acerca dos utensílios de escrita que o mais utilizado é o lápis grafite. Há pouco espaço para a escrita com lápis coloridos ou canetas hidrocores e esferográficas.

Desta maneira, percebi, nos diários analisados, que há regularidade no que diz respeito tanto a escolha por determinados suportes e por utensílios como também pelo contexto em que acontece a escrita na escola.

10 DANDO SEGUIMENTO

Durante esta pesquisa meu interesse inicial por averiguar os suportes de escrita na contemporaneidade dentro e fora da escola cresceu e outras idéias para novas pesquisas foram surgindo.

Gostaria de pesquisar em jornais de diferentes épocas as propagandas de materiais escolares, mapear o que era vendido, pois há pouco indício sobre os instrumentos de escrita.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de leitura e escrita: história e atualidade**. Belo Horizonte: Autentica 2007.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

_____ - (org). **As utilizações do objeto impresso**. Lisboa: Difel, 1998.

_____ - **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

CUCUZZA, Héctor Rubén; PINEAU, Pablo (Org.). **Para una história de la enseñanza de la lectura y escritura en Argentina: Del catecismo colonial a La Razón de Mi Vida**. Buenos Aires: Miño Y Dávila, 2002.

HÉBRARD, Jean. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural. In: ABREU, Márcia. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado Das Letras, 1999. p. 33-78.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX). In: **Revista brasileira de História da educação**. Campinas: Editora autores associados, 2001. p. 115-142.

MAGALHÃES, Justino. **Da cadeira ao banco: escola e modernização (séculos XVIII e XX)**. Lisboa: Educa, 2010.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Um objeto quase invisível. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008. P. 91-114

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. Instrumentos de escrita na escola elementar: tecnologias e práticas. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008. P. 91-114

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **História e memórias da educação no Brasil: Vol. III: Século XX**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ufrgs.br Disponível em:
<http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20Certificado.pdf> > Acesso em: 4 nov. 2012.

ufrgs. br Disponível em:<<http://www1.ufrgs.br/graduacao/xinformacoesacademicas/habilitacoes.php?CodCurso=341>> Acesso em: 4 nov. 2012.

Ufrgs.br Disponível em:<<http://www1.ufrgs.br/graduacao/xInformacoesAcademicas/cursos.php>> Acesso em: 14 dez. 2012.

VIDAL, Diana Gonçalves. **No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares.** Currículo sem Fronteiras, v. 9, p. 25-41, 2009.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2008. P. 15-34